

TRAJETÓRIAS DE TRABALHADORES DA INDÚSTRIA FARMACÊUTICAS NO EIXO GOIÂNIA-ANÁPOLIS: TRABALHO E MEMÓRIA.

Sônia Aparecida Lôbo¹

O presente trabalho busca refletir sobre as trajetórias de vida e trabalho dos trabalhadores da indústria farmacêutica localizadas no eixo Goiânia-Anápolis.

A ocupação econômica da região centro-oeste, a constituição de um pólo industrial em Goiás como parte de um processo de descentralização da produção industrial no país, bem como o desenvolvimento urbano verificado nas últimas décadas desencadearam um intenso movimento de pessoas e capitais para a região do Mato Grosso Goiano.

Nesse contexto, a indústria farmacêutica tornou-se catalisadora de uma parcela dessa força de trabalho. Marcada pela produção de uma mercadoria que gera lucros crescentes em escala mundial, utilizando diferentes formas de organização e gestão do trabalho para consecução de seu objetivo, a produção de medicamentos carrega, também, a marca de ser produtora de uma mercadoria que serve à manutenção da vida, encontrando-se eivada de contradições pelo confronto entre os interesses do capital e os interesses e necessidades dos seres humanos. Os trabalhadores dessa indústria vivenciam essas contradições e as subjetivam de diferentes maneiras.

Nas trajetórias percorridas, do campo para a cidade, do trabalho rural para o fabril, nos diversos ramos da economia, em um mesmo setor ou na mobilidade interna dentro da própria empresa, esses sujeitos vão construindo maneiras de perceber, interpretar e se relacionar com as suas condições objetivas de vida. Subjetivam a objetividade. Esses percursos revelam momentos de passagem, de amoldamento ou de contestação aos processos de produção industrial e capitalista. O trabalhador apresenta-se, ao mesmo tempo, como possibilidade de negação e de afirmação do capital.

No fazer da pesquisa uma questão teórico-metodológica se impôs. Ela diz respeito ao pressuposto adotado de que os indivíduos e suas histórias de vida e de profissão apenas são compreensíveis se considerarmos a maneira como se ligam, as relações recíprocas que estabelecem, a sua inserção dentro de um contexto histórico e social. A subjetividade é forjada em interação com a materialidade. A apreensão das trajetórias pessoais só se torna possível por meio da construção de um aparato que permita entendê-las em conexão com o mundo do qual fazem parte. Assim, compreender a trajetórias dos trabalhadores exige uma compreensão dos processos históricos e de trabalho aos quais se vinculavam. Na interação entre os depoimentos dos trabalhadores, a pesquisa apoiada em fontes bibliográficas, e o trabalho de observação de campo, procuramos desenvolver uma análise que permitisse uma leitura mais ampla das trajetórias e dos processos de trabalho.

Nesse método a palavra do entrevistado, que em geral não é proferida ao acaso, mas a partir da demanda do sociólogo, é uma referência, um ponto de partida para sua reflexão. O trabalho do pesquisador não consiste somente em fazer o entrevistado rememorar os episódios de sua vida e dar uma interpretação a elas, mas contribuir para inscrevê-los numa determinada temporalidade, articulando passado, presente e futuro. O

¹ A autora é Doutora em Sociologia política pela Universidade Federal de Santa Catarina e é professora da Universidade Estadual de Goiás e Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás. O presente trabalho faz parte da tese de doutorado defendida em 2007 sob a orientação da prof. Dra. Bernardete W. Aued.

tratamento/montagem dado à entrevista busca uma análise sistemática de conteúdo, de detecção dos temas organizadores do discurso, bem como dos momentos-chave da história relatada. A interpretação mobiliza conceitos e referências teóricas que permitem refletir sobre o campo de estudos concernentes ao trabalho, identidade profissional e coletiva. A construção de trajetórias carrega, ainda, a preocupação de estabelecer uma ponte entre objetividade e subjetividade por meio dos discursos dos sujeitos.

A partir do método apontado foram possíveis algumas conclusões. As diversas trajetórias acompanhadas são marcadas pela mobilidade. De início uma mobilidade geográfica, do campo para a cidade e de cidades interioranas para grandes cidades. São trabalhadores que migraram ou são filhos de migrantes. O desenvolvimento econômico do eixo Goiânia-Anápolis é o centro de atração desses trabalhadores. A mobilidade irá acompanhá-los também no seu percurso ocupacional. Antes do ingresso no trabalho industrial, sua trajetória se fez pelo exercício das mais variadas ocupações. Essa diversidade ocupacional começa na infância e se estende pela vida adulta. O trabalho realizado é geralmente temporário e precarizado, exigindo pouca qualificação. Esses trabalhadores se adaptam aos mais diferentes empregos e se tornam nesse sentido “flexíveis”.

Na transição entre o trabalho rural e o trabalho urbano, percepções contraditórias se sobrepõem. Atribuem liberdade ao passado de trabalhador rural, contrapondo-o aos processos rotinizados e vigiados da indústria. O sentimento da perda da liberdade quando da entrada no mundo fabril, no entanto, é matizado pela perspectiva de melhoria econômica e social, como possibilidade de aprender algo novo, que o trabalho industrial inicialmente proporciona. A transição é percebida como perda, mas também como melhoria de vida.

Diferentemente, aqueles trabalhadores que cresceram no meio urbano, os filhos de imigrantes, notadamente aqueles que passaram por empregos no comércio, com tempo de escolaridade mais alongado, visualizam o início do trabalho industrial como coação e vigilância. Nesse sentido, as histórias de vida e de ocupação anteriores definem em grande medida as primeiras impressões com relação ao trabalho na indústria.

A inserção nos diferentes postos de trabalho dentro da indústria farmacêutica aponta, também, para a mobilidade funcional desses trabalhadores. Nas empresas, a maior parte dos pesquisados já exerceu diferentes funções no processo produtivo. Iniciaram sua trajetória como trabalhadores da esteira, migraram para manipulação ou operação de máquinas, alguns poucos atingiram cargos de chefia e controle, o que constitui o limite para mudanças de função dentro da indústria. Apesar do trabalho parcelado, hierarquizado, organizado segundo linhas de produção, com forte demarcação de funções, não foi incomum encontrar trabalhadores que conhecem todo o processo de produção de medicamentos, no que diz respeito à sua confecção, contrariando a idéia de especialização extrema associada ao fordismo. A constante mudança de postos de trabalho relaciona-se essencialmente à necessidade de alocação da força de trabalho naquelas linhas onde há maior demanda para produção ou busca a agregação de funções antes dispersas e diferenciadas por um único trabalhador. Dessa forma, multifuncionalidade e polivalência significam a intensificação do trabalho em um contexto de ampliação da produtividade das empresas e não a ampliação das capacidades cognitivas ou de qualificação e melhoria salarial. Aproxima-se, nesse sentido, do desempenho de multitarefa.

Frente a esse contexto percebemos que nos encontramos diante de uma realidade marcada pela transição e pelo hibridismo: na região, por uma economia agrária

em processo de diversificação e industrialização; na indústria, pelo compartilhamento de diferentes formas de organização de produção de uma mercadoria específica, o medicamento; e, nas trajetórias profissionais, pelas constantes mudanças de ocupação.

Bibliografia:

AUED, Bernardete W. **Usos e abusos da entrevista bibliográfica.** Notas de aula. Mimeo. Florianópolis, 2002.

BERTRAN, Paulo. **Formação econômica de Goiás.** Goiânia: Oriente, 1978.

BORGES, Barsanufio Gomides. **A economia goiana na divisão regional do trabalho (1930-1960).** In: **Relações cidade-campo:fronteiras.** SILVA (Org.) Luiz Sérgio Duarte da. Goiânia: Ed. UFG, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas. Sobre a teoria da ação.** Campinas, Papirus Editora, 1996.

CASTRO, Sérgio Duarte. **Sistemas produtivos locais no Estado de Goiás. O caso da indústria farmacêutica do eixo Goiânia-Anápolis.** Relatório final – Convênio IPEA/ANPEC – nº 004/2000. Mimeo. Goiânia:2001.

CORIAT, Benjamin. **Pensar pelo Averso: o modelo japonês de trabalho e organização.** Rio de Janeiro, Ed. Revan, UFRJ, 1994.

DUBAR, Claude. **Trajетórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos.** In, Educação e Sociedade, ano XIX, nº 62, abril/98.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

GOMES, Maria Soledad Etcheverry de Arruda. **Empregabilidade em tempos de reestruturação e flexibilização. Trajetórias de trabalho e narrativas de ex-empregados do setor elétrico brasileiro.** Tese de Doutorado.UFRJ. Rio de Janeiro, 2002.

GRAMSCI, Antônio. **“Americanismo e Fordismo”.** In: Maquiavel, a política e o Estado Moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna.** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

HIRATA, Helena. **Nova divisão sexual do trabalho Um olhar voltado para a empresa e a sociedade.** São Paulo: Boitempo editorial, 2002.

IASI, Mauro Luis. **A mediação particular e genérica da consciência de classe. O Partido dos Trabalhadores entre a negação e o consentimento.** Tese de doutoramento. USP, 2004.

LOPES, José Carlos Cacao. **A voz do dono e o dono da voz: trabalho, saúde e cidadania no cotidiano fabril.** São Paulo: Hucitec, 2000.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos.** Lisboa: Edições 70, 1989.

_____. **Capítulo VI inédito de O Capital.** São Paulo: Editora Moraes, 1996.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital. Rumo a uma teoria da transição.** São Paulo: Boitempo/Ed.Unicamp, 2002.

SENNET, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

